

Altamir Botoso

Doutor em Letras e professor do curso de Letras/Espanhol e do Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, UEMS, e cursando o Estágio Pós-Doutoral do Programa de Pós-Graduação em "Estudos de Linguagens" da Faculdade de Arte, Letras e Comunicação - Faalc/UFMS, sob a orientação do professor Dr. Wellington Furtado Ramos. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3231-2351>.

RESENHA

UM ESTUDO PIONEIRO SOBRE O EMPREGO DA TÉCNICA DA MISE EN ABYME

A PIONEERING STUDY ON THE USE OF MISE EN ABYME TECHNIQUE

CARVALHO, Lúcia Helena. **A ponta do novelo:** uma interpretação de *Angústia*, de Graciliano Ramos. São Paulo: Ática, 1983. (Ensaio: 96). 130p.

Este artigo passou por avaliação por pares cega e *software* anti-plágio.



LICENÇA ATRIBUIÇÃO NÃO
COMERCIAL 4.0 INTERNACIONAL
CREATIVE COMMONS – CC BY-NC

Embora não seja uma obra recente, pois a sua publicação se deu no ano de 1983, *A ponta do novelo: uma interpretação de Angústia*, de Graciliano Ramos, de Lúcia Helena Carvalho, é importante frisar que se trata de uma das poucas análises que se voltaram para o estudo da *mise en abyme* em nosso país e, com acuidade e amparado em um instrumental teórico adequado, brinda o leitor com um trabalho de fôlego, imprescindível para quem deseja conhecer a referida técnica ou até mesmo dedicar-se ao seu estudo em narrativas ficcionais. Essa obra mereceria uma reedição, assim como tantas outras que fizeram parte da Coleção Ensaios, da editora Ática.

O livro mencionado, conforme observações da sua autora, originou-se de sua dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Letras, da Universidade Federal Fluminense, em 1978, sob orientação de Silviano Santiago. Está dividido em cinco capítulos, mas, a rigor, o primeiro e o quinto são, respectivamente, a introdução e a conclusão. Dessa forma, a análise propriamente dita concentra-se nos capítulos dois, três e quatro.

O capítulo primeiro, intitulado de “A máquina de tecer” aborda considerações sobre o processo de interpretação de um texto literário. Conforme observa Carvalho (1983, p. 1), o texto se constitui sempre em uma cena de representação, obrigando o crítico a observar a “cena” e o “fundo da cena”, o conteúdo manifesto e o latente, uma vez que o manifesto é sempre uma dissimulação, que mascara o sentido do texto.

Nesse sentido, a interpretação consiste em destecer a trama textual, tecendo um novo tecido com os fios extraídos de outros “tecidos-textos”. Desse modo, a proposta da estudiosa é “[d]esfazer a trama do ‘novo confuso’, que é o texto de *Angústia*, por meio da interpretação das construções em abismo, e, simultaneamente, vir tecendo nova malha, que se quer reveladora da polissemia do texto, [...]” (Carvalho, 1983, p. 5)

Nessa parte ainda, são discutidos os pressupostos teóricos que sustentam as análises do romance de Graciliano Ramos, selecionado como *corpus* de estudo. Carvalho destaca as contribuições de Jean Ricardou (1973), que em *Le nouveau roman*, analisa os mecanismos de composição do romance francês, e aponta a construção em

abismo como um dos mais eficazes para que se pudesse obter coincidências bem construídas. Além disso,

[...] caracterizando-se como elemento de duplicação interior – a história dentro da história –, a construção em abismo se oferece como procedimento retórico extremamente válido na produção de interessantes jogos de reflexos dentro da narrativa. Da mesma forma que os espelhos convexos funcionam na pintura flamenga, redimensionando o espaço frontal e limitado da tela, no romance, histórias encaixadas no discurso-tutor desdobram de maneira às vezes vertiginosa, os episódios da ação central, abrindo ao processo de significação uma dimensão insondável. (Carvalho, 1983, p. 6-7)

André Gide foi um dos primeiros romancistas a empregar a construção em abismo em suas obras *Le Traité du Narcisse* (1891), *La Tentative amoureuse* (1893), *Les Faux-monnayeurs* (1925). Os personagens desse último livro tornam-se projeções de Gide e colaboram no projeto desmistificador da intriga, inscrevendo-se como máscaras de um eu ávido em filtrar as impurezas da realidade, com a intenção de “obter a verdade essencial” e “esse eu (autor) procura ver a mesma realidade por intermédio de olhos diversos” (Carvalho, 1983, p. 11, grifo da autora).

Jean Ricardou (1973) reconhece duas funções básicas nas construções em abismo: a de ser reveladora e antitética. Por revelação, esse crítico entende a capacidade que tem a construção em abismo de resumir, em variantes, aspectos maiores da ficção, contestando a unidade narrativa, por meio de desdobramentos metonímicos, operando por identidade e diferença. Por antítese, ele compreende o fato de que a narrativa em abismo contradiz o funcionamento global do texto, ao quebrar-lhe a unidade narrativa e restringir a dispersão promovida pela fragmentação do discurso, pelo efeito da analogia que aproxima as narrativas encaixadas.

Outro teórico que Carvalho ressalta é Lucien Dallenbach, que realizou um dos estudos mais completos sobre as construções em abismo. Seu livro *Le récit spéculaire* (1977) oferece uma tipologia logicamente organizada, considerando que toda construção em abismo tem como raiz comum a reflexividade, definindo-a como todo

enclave (encaixe) interno que reflete o conjunto da narrativa por reduplicação simples, repetida ou especiosa.

Depois de apresentar os principais teóricos que dão sustentação a seu estudo, Carvalho enfatiza que o seu interesse é analisar o procedimento retórico da construção em abismo considerando-o como o principal recurso na produção de sentido na narrativa contemporânea e, em particular, na estruturação de *Angústia*.

No capítulo dois, “Tecendo a malha”, o romance de Graciliano é analisado e se verifica que seu enredo circula sempre em torno do mesmo motivo, a mente em desagregação do protagonista, Luís da Silva, que comete um assassinato. A ação avança pouco, enovelando-se sobre si mesma e multiplicando-se em “variantes, num sistema complexo de repetições” (Carvalho, 1983, p. 23).

Lúcia Helena Carvalho pauta-se em Rui Mourão para chamar a atenção para o fato de que a estrutura de *Angústia* se assemelha a uma caixa que sai de dentro de outra caixa e assim sucessivamente:

Sistema complexo de representação, a narrativa de *Angústia* se oferece como reduplicação infinita de um mesmo acontecimento. O crime, ação modular, atrai e irradia múltiplos episódios, micronarrativas que se superpõem em forma de encaixes sucessivos no corpo da narrativa nuclear. Variantes projetam na cena textual diferentes personagens, de tempos distintos, criando um sistema especular, que chega a atingir à quinta dimensão: o romance *Angústia*, de Graciliano Ramos (primeira), contém em si o livro que Luís da Silva está escrevendo (segunda), que, por sua vez, relata a história do seu crime e sua própria história (terceira), relato este perpassado de reminiscências e visões alucinatórias (quarta), algumas das quais chegam a conter em si um relato menor, que continua a espelhar a ação nuclear (quinta). Os encaixes, entretanto, se superpõem em subdivisões prismáticas, assumindo contornos a um só tempo expressionistas, pela deformação, e até mesmo cubistas, pela sobredeterminação infinita que seu eterno retorno instaura no texto. (Carvalho, 1983, p. 25)

As micronarrativas ficcionais configuram-se por intermédio de cenas de perseguição, prisão, tortura e morte, as quais antecipam, ao nível do enunciado, a visão do crime e do morto (Julião Tavares), enxertando-se como enclaves no corpo da

narrativa nuclear. Elas são regidas pelo significante morte, através da menção dos sintagmas “cobra” e “corda” e também pelo significante erotismo, encarnado na figura do objeto de desejo de Luís da Silva, Marina, que se organiza no seu imaginário como um conjunto de traços de mulheres que ele conheceu e se constrói textualmente como uma colagem de muitos pedaços de mulheres que povoam a narrativa.

Em “Direito e avesso”, capítulo terceiro, Carvalho pondera que da mesma forma pela qual se processa a reduplicação do episódio nuclear, transcorre também a dispersão do sujeito no discurso de *Angústia*, que se materializa em variantes as quais se configuram pela repetição do “mesmo” e do “outro”. Essas variantes consistem em diferentes modulações da mesma matriz subjetiva e a constituição do sujeito só é perceptível por meio do entrecruzamento delas. Num primeiro momento, tem-se o duplo como reflexo, que podem ser identificados nos personagens que frequentam os mesmos ambientes que Luís da Silva ou são evocados por suas lembranças, tais como Moisés, Pimentel, seu Ramalho, seu Ivo e o duplo como ideal do eu, expresso na figura de Julião Tavares, antagonista de Luís da Silva, mas secretamente invejado por este, pelo fato de ter dinheiro e se destacar na sociedade.

No quarto capítulo, “O livro do desejo / O desejo do livro”, é possível observar que a obra literária se converte em uma das obsessões do personagem central do romance do autor de *Vidas secas* e se desdobra em duas direções: é tematizada no discurso como objeto de leitura e como objeto de escritura de Luís da Silva, “entrelaçado à necessidade catártica de [se] confessar” (Carvalho, 1983, p. 95). O livro, de acordo com Carvalho (1983, p. 85), enquanto objeto de escritura, constitui verdadeira obsessão para Graciliano Ramos e se constata que, no conjunto de sua obra, a situação do sujeito-autor, às voltas com um romance por escrever, multiplica-se e é tematizada com variantes não somente nos romances *Caetés*, *São Bernardo* e *Angústia*, mas também em várias outras obras de sua autoria.

Na conclusão, “Recolhendo os fios”, Carvalho salienta que elegeu a construção em abismo como base estratégica para estudar *Angústia*, dedicando-se a interpretar o

processo de duplicação interior do discurso. Nesse sentido, o livro que Luís da Silva busca escrever instaura o jogo retórico do desdobramento infinito, através da construção em abismo, e se impõe pela compulsão à repetição de cenas de personagens, muitas vezes oriundas de outros textos escritos por Graciliano Ramos, como *Infância*, *Memórias do cárcere*.

Trata-se, sem sombra de dúvida, de um estudo de fôlego sobre o emprego da técnica *da mise en abyme* em um dos romancistas mais prestigiados da literatura brasileira, que vem se somar a livros mais recentes que se dedicaram a esmiuçar a construção em abismo em textos de Clarice Lispector e Marques Rebelo, em *O jogo de espelhos na ficção de Clarice Lispector* e *Mulheres em abismo: a personagem feminina em Marques Rebelo*, ambos de autoria de Mariângela Alonso (2017, 2024).

Além desses, há uma gama de artigos que abordaram esse assunto e que revelam a importância do referido procedimento que tem sido utilizado desde os primórdios da literatura ocidental na *Ilíada* e na *Odisseia*, de Homero (Alonso, 2024, p. 29), no teatro shakespeariano (em *Hamlet*, por exemplo) e no de Luigi Pirandello (*Seis personagens à procura de um autor*), no cinema (*Mais estranho que a ficção*) e em muitas obras contemporâneas, revelando que se trata de um recurso bastante profícuo e recorrente no âmbito ficcional.

Por todos esses aspectos apontados aqui, a leitura do livro de Lúcia Helena Carvalho é recomendada não só para alunos e pesquisadores da área de Letras, mas também para todos aqueles que apreciam os jogos intertextuais, os espelhamentos, as reflexividades que os textos de ficção proporcionam e, em especial, a todo leitor que se dedique a olhar com mais atenção para a construção e os artifícios que os autores empregam em suas obras e que exigem um esforço e uma concentração mais acentuada para reconstruir e ordenar os fios narrativos para poder interpretá-los com mais precisão.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Mariângela. **O jogo de espelhos na ficção de Clarice Lispector**. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2017.

ALONSO, Mariângela. **Mulheres em abismo**: a personagem feminina em Marques Rebelo. 1. ed. Curitiba: Appris, 2024.

DÄLLENBACH, Lucien. **Le récit spéculaire**. Paris: Seuil, 1977.

DÄLLENBACH, Lucien. **El relato especular**. Traducción de Ramón Buenaventura. Madrid: Visor, 1991.

RICARDOU, Jean. Le récit abymé. In: RICARDOU, Jean. **Le nouveau roman**. Paris: Seuil, 1973. p. 47-75.